

## Crowdsourcing

### Perspectivas críticas sobre uma prática de arquivamento emergente

Crowdsourcing: critical perspectives on an emerging archiving practice / Crowdsourcing: perspectivas críticas sobre una práctica archivística emergente

---

#### Ian Kisil Marino

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. Pesquisador associado ao Leibniz-Institut für Europäische Geschichte, Alemanha.  
marino@ieg-mainz.de

---

#### RESUMO

É cada vez mais comum que projetos de arquivamento digitais sobre eventos do tempo presente procurem utilizar chamadas abertas na internet para coletar registros históricos de voluntários. A partir de uma revisão crítica da literatura sobre o crowdsourcing, o artigo propõe reflexões sobre as dimensões dessa forma de coleta arquivística on-line. Discutindo insuficiências do debate no que tange a desigualdades globais e regionais, o artigo advoga por critérios de avaliação de coletas arquivísticas digitais mais atentos à experiência empírica.

*Palavras-chave:* arquivos digitais; humanidades digitais; crowdsourcing; história pública.

#### ABSTRACT

It is increasingly common for digital archiving projects to collect historical records from volunteers via open calls on the internet. Based on a critical review of the literature on the crowdsourcing, the article proposes reflections on the dimensions of this form of online archival collection. Discussing the shortcomings of the debate with regard to global and regional inequalities, the article claims for more empirically attentive criteria for evaluating digital archival collections.

*Keywords:* digital archives; digital humanities; crowdsourcing; public history.

#### RESUMEN

Es cada vez más común que los proyectos de archivo digital sobre acontecimientos actuales busquen utilizar convocatorias abiertas en internet para recopilar registros históricos de voluntarios. A partir de una revisión crítica de la literatura sobre el crowdsourcing, el artículo propone reflexiones sobre las dimensiones de esta forma de colección de archivos en línea. Al discutir las deficiencias en el debate con respecto a las desigualdades globales y regionales, el artículo aboga por criterios para evaluar las colecciones de archivos digitales que sean más atentos a la experiencia empírica.

*Palabras clave:* archivos digitales; humanidades digitales; crowdsourcing; historia pública.

No primeiro semestre de 2020, o Museu Nacional de Antropologia do Uruguai abriu uma chamada em sua página de internet convidando participantes a enviarem por e-mail “fotos de objetos ou situações que simbolizem seus dias de pandemia de covid-19, ou seja, todas as coisas que mostrem a mudança em sua vida, na vida de sua família e de seus amigos”. A ideia era alimentar um arquivo digital dedicado à pandemia, chamado *Proyecto había una vez una pandemia: Uruguay en tiempos de Covid-19*.<sup>1</sup> O projeto costarriquenho *Archivo CR COVID-19*, na mesma época, também coletava registros das “experiências inéditas” da pandemia via internet, assim como o Arquivo Municipal de La Paz, que disponibilizou um código QR para voluntários ajudarem a criar o arquivo *Documentando las memorias de la pandemia por COVID-19 en Bolivia (2020-2022)*. No Chile, a Biblioteca Nacional utilizou a chamada “Convidamos você a contar a sua história por meio de fotografias, vídeos, cartas, textos, áudios e desenhos que mostrem a sua história sobre a pandemia” com o mesmo intuito, visando coletar registros para o arquivo *Memoria COVID-19*. Esses quatro exemplos poderiam ser acrescidos de dezenas de projetos de arquivamento da pandemia na América Latina que, embora não tenham agido de forma coordenada, adotaram estratégias semelhantes para coletar registros via internet de março de 2020 em diante. Expandindo o olhar para todo o mundo, esse número talvez chegasse à casa dos milhares. Mas como se explica a recorrência global a essa forma de se coletar registros históricos? Quais os impactos dessa estratégia de arrecadação on-line sobre os arquivamentos de um evento tão marcante como a pandemia de covid-19? Será que esse fenômeno se restringe ao arquivamento de tal evento, ou emana uma tendência mais ampla na construção de arquivos históricos digitais? Este artigo pretende responder a essas questões, propondo um olhar amplo e crítico sobre essa estratégia de arquivamento digital, que vem sendo chamada de *crowdsourcing*.

A partir de uma ampla revisão da literatura sobre o *crowdsourcing* nas humanidades, o artigo procura estabelecer uma crítica ao tratamento que tal estratégia tem recebido – que, como será apresentado, é marcado pelo elogio e pelo otimismo. O método utilizado para o questionamento é a observação empírica do uso da técnica *crowdsourcing* por arquivos digitais latino-americanos criados para coletar registros históricos sobre a pandemia de covid-19. Como contribuição, o artigo aponta para a insuficiência do debate sobre *crowdsourcing* no que tange a desigualdades globais e regionais. Também, argumenta-se pela necessidade de elaboração de critérios de avaliação de coletas arquivísticas

---

1 Todos os projetos citados no texto estão listados, com endereços eletrônicos, ao final do artigo.

digitais na internet mais rigorosos e atentos à experiência empírica, ao invés de imersos no elogio dos métodos digitais como resposta aos anseios de democratização na produção de registros históricos no mundo contemporâneo.

O artigo é organizado em quatro partes. Inicialmente, será apresentado brevemente o que se entende por “arquivos da pandemia” na América Latina, já que eles compõem o conjunto de fontes para a avaliação empírica realizada. Em seguida, será discutida a história do *crowdsourcing* enquanto conceito e prática, com ênfase em seu lugar na formação de arquivos históricos de eventos disruptivos.<sup>2</sup> A terceira parte do texto questiona os métodos de avaliação do *crowdsourcing*, articulando a discussão de literatura à experiência de arquivamento da covid-19 na América Latina. A última parte do artigo, além de agregar as observações feitas no todo do texto, apresenta proposições de tratamento conceitual e prático no enquadramento do *crowdsourcing* como ferramenta de arquivamento digital.

### Arquivos digitais da pandemia

Já há uma variedade de estudos dedicados a desbravar o universo plural e complexo dos projetos que surgiram no mundo todo de meados do primeiro semestre de 2020 em diante visando coletar, preservar e oferecer acesso a registros sobre a vida durante a pandemia de covid-19 (Acker; Flamm, 2021; Gajanigo; Souza, 2021; Jones et al., 2021; Marino, 2021; Zumthurm, 2021). Embora variem na forma de designar tais projetos, esses estudos convergem, acertadamente na opinião deste artigo, em tratar tais projetos como “arquivos digitais”. A pluralidade de criadores e de metodologias de coleta e de organização desenha um cenário de instabilidade e incerteza, reforçado pelo fato de que muitos desses projetos não seguem preceitos bem estabelecidos na arquivística (Zumthurm, 2021). Assim, tais iniciativas podem parecer demasiadamente diferentes de arquivos formais, sejam públicos, pessoais ou privados (Marino; Nicodemo, 2022). Esses projetos, contudo, veiculam o sentido de “arquivar” expresso em reflexões fundamentais, como as de Derrida (2017), tendo “narrativas tácitas” que, embora heterodoxas, arbitram sobre a escolha do que preservar e o que descartar (Ketelaar, 2001). Sendo assim, tais arquivos necessitam ser compreendidos por historiadores, dado que eles guardam documentação relevante para o estudo da história da covid-19 em escala global.

---

<sup>2</sup> Entende-se aqui “eventos disruptivos” por acontecimentos de dimensão coletiva que ensejam a criação de arquivos digitais de resposta imediata, isto é, imbuídos de estratégias variadas para documentar tais eventos imediatamente após ou ainda durante a sua ocorrência. É o caso da pandemia de covid-19 mas, também, de outros acontecimentos que serão citados no decorrer do texto, como catástrofes naturais, atentados e guerras.

O exercício de análise empírica deste trabalho se deu a partir de um estudo crítico de materiais organizados por pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas vinculados ao Centro de Humanidades Digitais-Unicamp. Sua iniciativa, chamada *Coronarquivo* (Centro..., s.d.), produziu recursos importantes para o estudo dos arquivos digitais na pandemia na América Latina, como uma base de dados contendo características de 120 projetos (como localidade, forma de composição de acervo e tipos de documentos) (Marino et al., 2023) e um conjunto de histórias orais gravadas com líderes de iniciativas de variados países da região (Centro...Youtube, s.d.). Foi essa a base material que sustentou a parte empírica deste trabalho, sempre atrelada ao debate historiográfico pertinente.

Introdutoriamente, pode-se dizer que o panorama de arquivos digitais da pandemia na América Latina é bastante plural. Dentre os criadores há, por exemplo, pesquisadores em universidades, agentes independentes atuando de forma autônoma e instituições da sociedade civil. Nos arquivos, há documentos como testemunhos orais e escritos, fotografias, artes visuais e até mesmo dados estatísticos estruturados. Tais arquivos, por fim, construíram-se usando plataformas igualmente plurais, como páginas de internet institucionais, repositórios digitais e redes sociais diversas. Nota-se pelas entrevistas de história oral que se tratou de projetos bastante inventivos, movidos por um impulso de reação rápida a uma catástrofe iminente e amplamente curiosos pelas ferramentas digitais disponíveis. Por outro lado, percebe-se também que tais projetos foram em grande parte precários, faltando recursos materiais para remuneração de colaboradores e para a implementação de boas práticas de preservação digital – esta última negativamente impactada pelo cenário mais amplo de instabilidade no arquivamento digital na América Latina como um todo (Göbel; Chicote, 2017).

Após essa breve introdução sobre o cenário latino-americano de arquivamento da pandemia de covid-19,<sup>3</sup> cabe refletir sobre as formas de composição de tais arquivos. De onde vieram os registros históricos que esses projetos agenciaram? Quem os produziu? Por que e como foram coletados? Os dados do *Coronarquivo* apontam para quatro principais estratégias de coleta de registros históricos da pandemia na América Latina (Marino et al., 2023). Elas foram adotadas de forma não exclusiva pelos projetos (ou seja, podem se sobrepor). Percebe-se que um número considerável de projetos, 47, correspondendo a quase 40%, atuou como produtor de seus próprios documentos (categorizados no *Coronarquivo* como “conteúdo autoral”). Nesses casos, é como se os projetos da pandemia fossem

---

<sup>3</sup> Não cabem aqui comentários descritivos mais profundos sobre os arquivos. Para tal, ver: Marino; Nicodemo (2022).

coletâneas pessoais do início ao fim, que encontram em seus próprios itens elementos de suposta significância coletiva, justificando a publicização. O caráter coletivo da pandemia, por sinal, é o elemento por detrás da maioria das estratégias de composição de acervos na América Latina. A escolha pela raspagem de dados, feita por 8% dos projetos, e pela história oral, presente em 10% dos casos, revela a percepção de que, para aproximadamente um quinto dos arquivos, eles deveriam, de alguma forma, coletar registros para além do que os criadores dos arquivos poderiam produzir. A mesma coisa vale à maioria dos arquivos da pandemia na América Latina, 63% deles, que optaram por uma técnica de coleta de informação cujo nome é, em si, reflexo da transformação digital: *crowdsourcing*.

### **Do business às humanidades: uma história do *crowdsourcing***

O termo *crowdsourcing* tem sido utilizado por pesquisadores para se referir à coleta de registros históricos no contexto da pandemia globalmente. Uma definição genérica de *crowdsourcing* seguindo essas leituras contemporâneas pode ser: método de coleta de informações on-line a partir de chamadas abertas ao público. A história do conceito, entretanto, revela outras camadas. O termo foi utilizado pela primeira vez em 2006 em um artigo escrito por Jeff Howe à *Wired Magazine*, abrindo caminho para uma primeira conceituação: “Em uma definição simples, o *crowdsourcing* representa o ato de uma empresa ou instituição assumir uma função que antes era realizada por funcionários e terceirizá-la para uma rede indefinida (e geralmente grande) de pessoas na forma de uma chamada aberta” (Howe, 2006). O caso que inspirou Howe foi a empresa de camisetas Threadless, que utilizou a internet para engajar o público a projetar os designs das suas peças (Brabham, 2013). A ideia de utilizar a internet para agregar tarefas pareceu uma alternativa ao *outsourcing*, ideia de levar as empresas ao exterior em busca de mão de obra menos custosa às empresas (Terras, 2016). Como prática concreta, o *crowdsourcing* inspirou modelos de trabalho mal remunerados e descentralizados, como ilustra o caso da Amazon Mechanical Turk (Brabham, 2013). Nesse sentido, o *crowdsourcing* adentrou os anos 2010 com um domínio de definições e usos ligados ao mundo empresarial. Como conceito, era em geral relacionado a “um modelo de produção”, “um processo de organização do trabalho” ou mesmo um “modelo de negócios” (Estellés-Arolas; González-Ladrón-de-Guevara, 2012).

Concomitantemente à prevalência no mundo dos negócios, começaram a emergir esforços para alargar a compreensão conceitual dessa prática. Se o *crowdsourcing* poderia ser útil para realizar tarefas caras a empresas, por que não também a outros campos da sociedade? Essa foi a perspectiva de Daren

Brabham, autor do livro *Crowdsourcing* (2013). Na definição do jornalista, *crowdsourcing* é “um modelo de produção e solução de problemas on-line e distribuído que aproveita a inteligência coletiva de comunidades on-line para atender a objetivos organizacionais específicos” (Brabham, 2013, p. XIV). Ideias como “inteligência coletiva” e “objetivos organizacionais” no lugar de “produtos”, e “comunidades” no lugar de “empresas” refletem um movimento mais amplo que, no início da década de 2010, projetava uma série de novos usos ao termo. Com efeito, os primeiros usos do *crowdsourcing* como conceito e inspiração de práticas nas humanidades aconteceram no final da década de 2000 e estão intimamente ligados à transformação digital. Projetos como Transcribe Bentham (Universidade College of London), Search the Collections (Museu Victoria and Albert), Remember Me (Museu do Holocausto dos Estados Unidos), What’s the Menu? (Biblioteca Pública de Nova York) e DigitalKoot (Biblioteca Nacional da Finlândia), dentre outros, despontam como algumas das primeiras iniciativas em que o *crowdsourcing* foi conscientemente adotado (Terras, 2016). Todos esses casos remetem a transformações digitais, seja na digitalização de acervos, na revisão de transcrições automatizadas ou no preenchimento de metadados para arquivos digitais (Holley, 2010).

As primeiras impressões do *crowdsourcing* no campo das humanidades foram positivas (cf. Bernstein, 2014; Causer; Terras, 2014; Dafis; Highes; James, 2014; Holley, 2010). A ideia de angariar informações a partir de esforços descentralizados e voluntários atraiu diversos projetos com impossibilidade de financiamento, em especial no que tange à digitalização de documentos físicos. Por conta desse potencial de “fazer acontecer” a partir do engajamento na internet, a literatura tem celebrado o *crowdsourcing* como ferramenta de alavancagem de projetos por instituições com maior grau de precariedade ou limitações na capacidade de mobilizar mão de obra na realização de determinada tarefa (como revisão de transcrições automatizadas ou descrição de metadados) (Noiret; Zaagsma; Tebeau, 2022; Ridge, 2014; Terras, 2016; Valatsou, 2014). O aparente sucesso desse método no caso da pandemia passa um pouco por aí: o panorama de trabalho dos arquivos digitais latino-americanos foi marcado pela ausência de financiamento e pelo voluntarismo.<sup>4</sup> Somando a isso as imposições de distanciamento físico, compreende-se a escolha por uma estratégia de dispersão de esforços em sentido ordenado via internet (no caso, coletar registros históricos).

---

4. Após estudar os depoimentos de criadores de projetos, nota-se que 19 dos 24 projetos entrevistados no âmbito do projeto *Coronarquivo* não receberam nenhum financiamento específico para a realização de seus arquivos.

A identificação do conceito com o universo da produção empresarial, entretanto, levou a avanços conceituais importantes no que se chamou “crowdsourcing para as humanidades” (Hedges; Dunn, 2017). Criticou-se o que se entendeu como uma ênfase excessiva no produto no uso empresarial do crowdsourcing (Owens, 2012). Nas humanidades, o conceito deveria ser readequado para enfatizar o processo, isto é, a ação coletiva viabilizada via internet com determinado fim (Ridge, 2014). Em vez de somente reunir dados ou informações, o crowdsourcing deveria significar empoderamento comunitário, sempre levando os anseios dos colaboradores em consideração (Heppler; Wolfenstein, 2015). Esse conjunto de ideias amadureceu durante a década de 2010, de modo que o termo se tornou um dos mais populares nos campos das humanidades digitais e da história digital (Andro, 2018). No início da década, o crowdsourcing foi associado à esperança do desenvolvimento de uma “história digital 2.0”, mais imbuída do que nunca em seu significado público (Noiret, 2011). No decorrer dos anos, o conceito ganhou contornos de uma “massiva democratização do conhecimento histórico” (Valatsou, 2014, p. 218) e de estratégia com potencial de “mudança nos papéis de autoridade” (Sikarskie, 2013, p. 219). Aproximando-se da ideia de “autoridade compartilhada” (Noiret; Zaagsma; Tebeau, 2022, p. 8), o crowdsourcing foi qualificado como “a razão de ser da história pública digital” por Serge Noiret (2022a, p. 48), resumindo o alto prestígio que a técnica atingiu nas humanidades desde a sua criação.

A história da introdução do crowdsourcing na criação de arquivos ocorreu durante esse processo, tanto pelo emprego consciente da estratégia como forma de arrecadação de registros históricos quanto pela adoção do termo como uma categoria de análise, usada até mesmo para caracterizar eventos ocorridos antes da criação do conceito. Isso porque um dos casos de arquivamento digital via crowdsourcing mais discutidos pela literatura é o *September 11<sup>th</sup> Digital Archive*. Após o atentado contra o World Trade Center, em Nova York, em 11 de setembro de 2001, pesquisadores da Universidade George Mason, em parceria com outras instituições, fundaram uma página de internet que convidava pessoas a enviarem seus registros e memórias para a criação de um arquivo digital sobre o evento. A lógica de construção do *September 11<sup>th</sup> Digital Archive* baseou-se em três percepções: 1) como se tratou de um ocorrido inesperado, não houve preparo possível por parte de especialistas para documentá-lo; 2) como foi um evento coletivo e violento, muitas pessoas o testemunharam, podendo ter as suas “memórias vernaculares” documentadas em um arquivo (Hess, 2007); e 3) como muitos já tinham aparatos de registro como câmeras pessoais e acesso à internet, havia as condições materiais para a criação do acervo digital colaborativo

(Rivard, 2012). O resultado foi considerado um amplo sucesso, tanto pelo número de itens coletados quanto pelo engajamento comunitário na construção do arquivo (Noiret, 2022a; Zhang, 2008).

O *September 11<sup>th</sup> Digital Archive*, de certa forma, lançou um modelo de captação de registros históricos de eventos inesperados e impactantes no século XXI. A consolidação do *crowdsourcing* na literatura ajudou a dar coesão ao processo, um “terremoto arquivístico”, como disse Analet Pons (2022, p. 32) ao celebrar as oportunidades de criação participativa geradas pelo sucesso desse modelo. Casos de relevo discutidos pela literatura nessa seara são o *Hurricane Digital Memory Bank*, criado após o furacão Katrina atingir o estado da Louisiana, nos Estados Unidos, em 2005, o *Japan Disasters Digital Archive*, criado após o terremoto que assolou o Japão em 2011, e o *Our Marathon*, criado após um atentado à bomba na Maratona de Boston em 2013. Todos esses casos representam variações e amadurecimentos de técnicas de coleta de registros via internet, em geral empolgando a literatura que, como mencionado, via cada vez mais com melhores olhos a prática do *crowdsourcing* na esfera da história pública e da ciência cidadã (*citizen science*). Não é de surpreender que muitos arquivos sobre eventos de dimensão coletiva na década de 2020 venham se desenhando seguindo o *crowdsourcing* como fórmula central. É o caso do mapeamento do terremoto ocorrido na Turquia em 2020 (Chachra et al., 2022), da guerra entre Rússia e Ucrânia, que conta com projetos como *Saving Ukrainian Cultural Heritage Online* e o *Ukrainian Archive*, e da guerra entre Israel e o Hamas, através das orientações de arquivamento do Centro para Justiça e Responsabilidade Síria, por exemplo (*How to Document Atrocities in the Gaza War*).

No caso da pandemia na América Latina, a presença do *crowdsourcing* é notável já à primeira vista dos projetos de memória digitais. Independentemente da categoria de gestor, país e objetivos específicos, o princípio de coleta mostrava-se coeso, imerso na ideia de convite via chamada aberta, como exemplificam capturas de tela dos projetos mencionados na introdução deste artigo (Figuras 1 a 4). Esses casos são apenas alguns que, na América Latina, demonstram a difusão de tão semelhantes princípios, o que é amostra da consolidação do *crowdsourcing*, de como tal estratégia ganhou credibilidade para a coleta de registros históricos no mundo contemporâneo. Aferir a correspondência entre expectativas e resultados concretos, entretanto, requer que se debruce, em termos metodológicos, sobre como avaliar tais projetos.

Figura 1 – Proyecto había una vez una pandemia: Uruguay en tiempos de Covid-19

Museo Nacional de Antropología

Exposiciones • Educación • Visitas • Folletos

Institucional • Colecciones • Investigación • Conservación • Noticias

Accesos directos  
Publicaciones científicas  
Casa Quinta Mendilaharsu (.pps)

2020 • 2019 • 2018 • 2013 • 2012 • 2010 • 2021 • 2022 • 2023

Enero • Febrero • Marzo • Abril • Mayo • Junio • Julio • Agosto • Setiembre • Octubre

Miércoles 27 de mayo de 2020

### Proyecto Había una vez una Pandemia. Uruguay en tiempos de Covid 19

El brote del Covid 19 y las medidas tomadas para prevenir su contagio están cambiando la vida en nuestro país.

¿Cómo se percibirá este acontecimiento en el futuro?

¿Cómo será contado a las futuras generaciones?.

El Museo Nacional de Antropología es parte de este presente y debe preservarlo, y para ello considera importante que la población se involucre en esta situación.

**Objetivo del proyecto:**  
Documentar los tiempos de Covid 19 en los habitantes de Uruguay, cómo su vida ha cambiado y cómo han modificado sus conductas cotidianas, privadas y profesionales. Este registro de información podrá ser útil para las futuras generaciones que conocerán el significado de la pandemia para quienes la padecieron.

**Como participar:**

- Enviando fotos de objetos o situaciones que simbolizen tus días de pandemia del Covid 19, es decir todas esas cosas que muestran el cambio en tu vida, en la de tu familia y tus amigos.
- Enviando un testimonio de tu percepción y sentimientos sobre esta situación singular y extraordinaria que estamos viviendo a nivel mundial.
- Vacunación, si te has vacunado y quieres compartir tu experiencia, en un relato y/o fotografía.

Imprimir  
Enviar por correo

★★★★★

Figura 2 – Archivo CR COVID-19

# ArchivoCR

## COVID-19

Costa Rica está construyendo su memoria documental alrededor de la pandemia.

Esperamos el aporte de sus fotos, videos, audios, dibujos, cartas o afiches.

+info: [www.bit.ly/archivoCR](http://www.bit.ly/archivoCR)

Figura 3 – Documentando las memorias de la pandemia por COVID-19 en Bolivia (2020-2022)



Figura 4 – Memoria COVID-19



## Avaliando o crowdsourcing

Como visto, o comentário historiográfico sobre o *crowdsourcing* é, em geral, elogioso e permeado de esperanças de que o método converta em realidade os anseios da história pública. Mas como avaliar se essa estratégia pode, de fato, atingir esses objetivos? Esta seção pretende discutir as metodologias de avaliação do *crowdsourcing* em perspectiva ao caso dos arquivos da pandemia na América Latina. Como destacado, há um movimento de enfatização do processo em vez do produto no comentário sobre o *crowdsourcing* nas humanidades. Valoriza-se, por exemplo, a possibilidade de contato, por parte dos participantes, com temáticas históricas complexas e o empoderamento de curadoria na composição de coleções digitais (Dunn; Hedges, 2014; Heppler; Wolfenstein, 2015; Owens, 2012; Phillips, 2014; Piper, 2020; Winters, 2019). Trevor Owens (2012) chegou a afirmar que os resultados de um projeto de *crowdsourcing*, sejam eles registros coletados, transcrições revisadas ou metadados completados, não são mais do que “um subproduto fantástico” de um método que tem no processo de contribuição o seu vetor maior de existência. Argumenta-se aqui, entretanto, que a observação do processo requer ser avaliada junto aos resultados coletados em se tratando de arquivos digitais de eventos disruptivos, seja uma catástrofe natural ou uma guerra. Primeiro, porque deve haver uma atenção ao caráter do material coletado, considerando que se trata de repositórios arquivísticos sobre eventos sensíveis. Isso remete a preocupações que existem na literatura sobre *crowdsourcing*, mas também a debates sobre a história digital desde a ascensão do campo, que notou crises de autoridade na ativação de novos agentes e histórias populares on-line, o fortalecimento de narrativas negacionistas e também de *fake news*, por exemplo (Cohen, 2005; Cohen; Scheinfeldt, 2013; Terras, 2016; Valatsou, 2014). Segundo, porque é somente observando os resultados, os registros coletados – seu caráter, sua proveniência – que se pode avaliar aspectos como representatividade e desigualdade. O caso da pandemia é elucidativo nesse sentido.

Possivelmente, o caso mais ilustrativo do uso de *crowdsourcing* na composição de um repositório global sobre o arquivamento da pandemia é o projeto *Mapping Public History Projects about Covid-19*, liderado pela Federação Internacional de História Pública (FIHP) (Figura 5) (International..., 2020). O mapa veiculado no Google Maps foi uma das primeiras iniciativas de monitoramento e registro de arquivos digitais da pandemia. O uso do *crowdsourcing* ali mirava convidar criadores e gestores a registrarem seus projetos de arquivamento no mapa colaborativo. Uma visão geral dos resultados do projeto permite notar uma representação marcada por desigualdade em escala global.

Há uma imensa quantidade de registros referentes ao chamado Norte Global, particularmente no Ocidente, enquanto, no chamado Sul Global, há escassez. Considerando que tal mapa foi construído seguindo princípios de *crowdsourcing* pela maior associação internacional de história pública no mundo, há dois pontos críticos que merecem destaque. Primeiro, a avaliação do *crowdsourcing* não pode tornar a observação de resultados secundária ao processo, como já se defendeu na literatura (Owens, 2012). Por mais que o processo de participação das iniciativas marcadas no mapa possa representar um experimento de história pública, essa observação deixa de notar o que é, talvez, a mais relevante informação: que o processo reproduz desigualdades históricas. Isso leva a questionar, e este é o segundo e principal ponto, se as qualificações de *democrático* e *ferramenta alinhada à história pública* conferidas ao *crowdsourcing* são realmente válidas.

**Figura 5 – Mapping Public History Projects.** Fonte: International Federation of Public History (2020)



A experiência do uso de *crowdsourcing* por arquivos da pandemia na América Latina oferece ricos recursos para refletir sobre essas duas questões. O projeto (Re)configurações socioculturais em tempos de pandemia, por exemplo, adotou o *crowdsourcing* a partir de um formulário on-line veiculado no Google para coletar relatos e informações sobre a vida cultural das pessoas do estado brasileiro do Paraná durante o período de isolamento social, em 2020. Em

entrevista, a gestora do projeto, Saito-Fairbrother, afirmou que membros da equipe acreditavam que o lançamento de uma chamada aberta via redes sociais seria suficiente para receber um número satisfatório de contribuições. Havia até mesmo participantes que acreditavam que o material poderia “viralizar”, rompendo barreiras e atingindo um público muito maior do que a partir de convites individuais. Os resultados, poucas semanas após o lançamento da campanha, não foram animadores. Os motivos não são claros para os gestores, que apontam que o desinteresse das pessoas pelo tema e uma campanha de divulgação limitada podem estar entre as razões do pouco sucesso do *crowdsourcing*. Como alternativa, o projeto iniciou um processo de convite mais focalizado a partir de grupos sociais que tinham canais digitais de comunicação (grupos em aplicativos de mensagens como WhatsApp ou Telegram, por exemplo). Só então houve maior número de respostas ao formulário (Saito-Fairbrother; Semoto, 2021).

Casos semelhantes ocorreram em outro projeto brasileiro, o *Às margens da pandemia* e também na experiência do *Documentando las memorias de la pandemia por COVID-19 en Bolivia (2020-2022)*, gerido pelo Arquivo Municipal de La Paz. As criadoras do primeiro arquivo, Ana Fiori e Camila Volker, comentaram em entrevista como o convite aberto na internet (modelo clássico do *crowdsourcing*) não foi eficiente para a coleta de relatos do grupo específico que focalizaram: mães. Elas identificam pontos como a falta de tempo e o desengajamento de mães que já estavam sobrecarregadas com tarefas múltiplas como possíveis razões para a frustração da chamada aberta. Optou-se então por uma abordagem de convite mais ativa: foi-se diretamente ao grupo focal em busca de relatos (Fiori; Volker, 2021). No caso boliviano, a insuficiência de respostas recebidas via internet motivou os organizadores do projeto a irem a campo com formulário físicos, a escolas e pontos culturais de La Paz, nos momentos em que a legislação de distanciamento físico permitiu. Segundo o criador do arquivo, Ramiro Quisbert, tal estratégia ativa (e nada digital) trouxe resultados de coleta expressivos (Quisbert, 2023).

Esses três casos ilustram problemas do *crowdsourcing* que são frequentemente ignorados pela maior parte da literatura sobre o tema. Para participar de uma chamada de *crowdsourcing*, um indivíduo precisa cumprir certos pré-requisitos fundamentais: é necessário acessar a internet, encontrar a chamada para a participação, saber manejar as ferramentas em questão, ter motivação e disponibilidade para tal. São poucos os casos em que a literatura traz tais problemas à baila (Graham; Massie; Feuerherm, 2013). Menos ainda são os que se debruçam sobre casos fracassados de *crowdsourcing*: na maioria das

vezes, a produção acadêmica se volta a casos avaliados como bem-sucedidos, o que limita a discussão pública sobre os problemas desse método (Noordegraaf; Bartholomew; Eveleigh, 2014). Observando os resultados do mapa da FIHP através de lentes que considerem esses pré-requisitos, pode-se questionar se a desigualdade global ali presente não se relaciona com temas como a comunicação ineficiente em relação às periferias ou demasiadamente voltada aos círculos da associação (que sempre foi majoritariamente liderada por acadêmicos da América do Norte e da Europa). Cabe pensar se, para obter uma coleção mais representativa, o projeto não poderia ter seguido caminhos de coleta próximos aos que algumas iniciativas da pandemia na América Latina tacitamente trilharam, indo mais ativamente atrás de suprir as suas ausências.

A desigualdade que salta aos olhos no caso do mapa da FIHP, entretanto, também se faz presente na experiência dos arquivos da pandemia na América Latina que adotaram *crowdsourcing* na sua constituição. Uma navegação pelos acervos do costa-riquenho *Archivo CR COVID-19* e do chileno *Memorias Covid-19*, por exemplo, não necessita ir tão a fundo para notar que há prevalência de registros de setores sociais que podem ser identificados como de classe média ou alta, em geral urbana. São pessoas que, ao menos, puderam adotar trabalho remoto durante o período de quarentena. Praticamente não há registros, entretanto, de setores envolvidos nos “serviços essenciais” e, menos ainda, de comunidades periféricas, sejam moradores de rua, desempregados ou trabalhadores precarizados, ou de comunidades rurais (Maluf, 2021). A mesma configuração pode ser notada em outros acervos disponíveis ao público, como *#MemóriasCovid-19*, *Diários da pandemia*, *Diários de quarentena* e *Archivo Covid-19 Peru*, dentre outros. No caso do projeto *Arquivos da pandemia* essa desigualdade já foi até mesmo avaliada pela equipe gestora do projeto, que demonstrou que houve prevalência de contribuições oriundas do ambiente de trabalho remoto (o que contrasta com a estatística geral do Rio de Janeiro, cidade alvo do projeto) (Heymann; Bortolotti, 2022; Oliveira, 2022). A tendência do *crowdsourcing* à representação favorável das classes médias e altas só foi recentemente aferida com mais atenção pela literatura, e justamente em relação à pandemia (no estudo de Krebs e Zumthurn (2022a) acerca das coletas via *crowdsourcing* na Europa Central). A analogia trazida no relato do ciclista entregador de aplicativos Gabriel ao projeto brasileiro *A pandemia que ninguém vê* é paradigmática: “Lembra no Titanic, quando o navio estava afundando e tinha aqueles músicos que não paravam. A gente é tipo eles. É claro que a pandemia é perigosa, mas a gente não pode parar” (Soler; Lima, 2020, p. 113). Não se pode ignorar o fato de que, para responder a uma chamada de *crowdsourcing*, é necessário parar.

Outras desigualdades decorrentes da acessibilidade aos projetos de *crowdsourcing* que se podem notar na experiência latino-americana referem-se, por exemplo, a idade, escolaridade e gênero. Gestores dos projetos *Testemunhos do Isolamento* e *Relatos do cotidiano durante a pandemia* relataram ter recebido menos contribuições de idosos do que de outras faixas etárias adultas (Gajanigo; Souza, 2022; Kushnir; Alencar, 2022). Analisando as coleções de projetos como *Archivo Peruano Covid19* e *COVID-19 en Argentina*, dentre muitas outras, nota-se que praticamente não há registros de crianças. Outros casos, como *Arquivos da pandemia* e *Testemunhos do Isolamento*, afirmam ter recebido mais contribuições de grupos sociais com grau de escolaridade de ensino superior completo, o que difere das estatísticas brasileiras (Heymann; Bortolotti, 2022; Kushnir; Alencar, 2022). Nesses casos, nota-se que elementos como hábitos de uso de ferramentas digitais e mesmo a proficiência no seu manejo são limitantes a qualquer proposta de chamada aberta para contribuição voluntária. Por fim, vale apontar que muitos projetos, como *Escola em quarentena*, relatam ter recebido mais contribuições de mulheres do que de homens (Bazzo; Schmiguel; Suarez, 2022). A representatividade desigual pode estar relacionada a marcadores de gênero que fazem parte da cultura do ato de relatar, segundo os criadores do projeto *Relatos do cotidiano*, Paulo Gajanigo e Rogério Souza (2021): se os relatos seguem uma tradição que remete ao diário, trata-se de algo mais relacionado aos padrões de feminilidade do que masculinidade, o que pode indicar mais um elemento de viés na composição do *crowdsourcing*.

Um outro ponto de reflexão para o entendimento do *crowdsourcing* a partir do caso da pandemia remete a uma percepção mais pragmática de arquivo. A composição coletiva de acervos on-line, via chamadas abertas de *crowdsourcing*, representa um alargamento no arquivar como comando ou dispositivo de poder, mesmo que com as já mencionadas limitações do método. Nesse sentido, poder-se-ia pensar que, se bem talhada e aprimorada, uma coleta via *crowdsourcing* resultaria em arquivos de fato democráticos em relação à tomada de decisão na esfera pública – “quando bem-feito, o *crowdsourcing* nos oferece uma oportunidade de fornecer maneiras significativas para que as pessoas se envolvam e contribuam com a memória pública” (Owens, 2012). No entanto, é importante ressaltar, segundo uma percepção mais pragmática e institucional de arquivo, que o *crowdsourcing* é um método de coleta. Isto é: não envolve preservação e acesso, elementos fundamentais para a existência concreta de arquivos (Bellotto, 2015; Eastwood, 2016).

Não há como avaliar propriamente o uso e o impacto do *crowdsourcing* na criação de arquivos digitais sem questionar a capacidade dos projetos em

questão de proverem preservação aos registros coletados. No caso da pandemia de covid-19 na América Latina, toda a discussão acerca das fragilidades do arquivamento digital deve ser levada em conta (Göbel; Chicote, 2017; Home; Montano; Martínez, 2017; Purcell, 2019; Valente, 2017). Alguns arquivos resultantes de *crowdsourcing*, como o colombiano *Coronachivos* e o brasileiro *Às margens da pandemia*, por exemplo, já não se encontram disponíveis para consulta, embora estivessem no momento da pesquisa que fundamentou este artigo. É incerto se essas e outras coleções estão ou serão preservadas. Mas, novamente, o dilema da preservação é matéria praticamente ignorada pela literatura. Pode ser que isso decorra da desigualdade de exemplos enfocados pelos estudos de caso que baseiam essas pesquisas, já que muitos projetos europeus e norte-americanos são relativamente bem amparados por instituições de guarda e, portanto, bem resolvidos no que tange à preservação.<sup>5</sup> No entanto, não se pode ignorar que há uma contradição no argumento traçado pelo comentário ao *crowdsourcing*: enquanto se celebra o método como recurso valioso para “instituições patrimoniais cuja crônica demanda por pessoal e financiamento sempre representou um desafio para o envolvimento do público” (Noiret; Zaagsma; Tebeau, 2022, p. 13), não se discute que são justamente essas instâncias de precariedade as que menos recursos possuem para implementar programas de preservação digital adequados (Marino; Silveira; Nicodemo, 2022). Esse é o caso da maioria dos projetos na América Latina, dos independentes sediados em redes sociais, mas também de muitos dos institucionais. Seja por parcialidade decorrente da desigualdade global ou pela preferência de se entender “arquivo” somente pela noção de coleta (por escolha teórica ou ingenuidade), deixa-se de avaliar os resultados dessas coleções pragmaticamente como arquivos históricos acessíveis no futuro – o que certamente vai impactar a escrita da história da pandemia.<sup>6</sup>

---

5 O *September 11<sup>th</sup> Digital Archive* e o *Hurricane Memory Bank*, por exemplo, têm seus itens preservado junto à Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, sem contar o apoio de universidades e departamentos de humanidades digitais bem estabelecidos (Noiret, 2011; Rivard, 2012).

6 Na verdade, isso já está acontecendo, como mostraram Krebs e Zumthurm (2022b) em seus estudos sobre a escrita da história do cotidiano escolar a partir de arquivos da pandemia na Europa Central.

## Conclusões

Nas últimas décadas, a literatura sobre o *crowdsourcing* nas humanidades amadureceu uma retórica bastante esperançosa e elogiosa ao método. A experiência da coleta de registros históricos sobre a pandemia de covid-19 na América Latina demonstra com fundo empírico, entretanto, que esses comentários devem ser problematizados com mais atenção. Não se trata aqui de desqualificar tal estratégia. Seu uso foi responsável pela coleta de inúmeros registros históricos durante a pandemia. Muitas pessoas contribuíram com essa memória coletiva por conta de chamadas abertas via *crowdsourcing*. No entanto, o otimismo da literatura dominante veio na forma de artigos que celebraram o método antes mesmo de avaliar seus resultados no contexto da pandemia. Noiret (2022b, p. 58) celebrou como a presença “glocal” e ubíqua das tecnologias digitais permitiriam “novas formas colaborativas de se fazer história”. Pons (2022, p. 30) propôs que “é mais possível do que nunca fazer história de baixo para cima e dar voz às pessoas sem voz” porque, através das tecnologias digitais, essas pessoas “exerceriam o poder de serem ativos produtores das suas próprias histórias, administrando os arquivos de suas próprias vidas”. Astrid Erll (2020, p. 867), por fim, refletiu:

O que será lembrado depois que a pandemia do coronavírus passar? Em termos de fontes absolutas, ficamos tentados a dizer: tudo. A criação instantânea de história é abundante. Cada segundo do período da pandemia parece ser registrado nas mídias digitais, distribuído e compartilhado nas redes sociais. O que faltou à gripe espanhola (um arquivo criado conscientemente, em primeiro lugar) é exatamente o que caracteriza o coronavírus: é a primeira pandemia mundial testemunhada digitalmente, um caso de teste para a criação da memória global na nova ecologia das mídias.

Esses posicionamentos mostram-se todos equivocados quando observada a experiência concreta dos arquivos da pandemia na América Latina com relação ao *crowdsourcing*, mesmo considerando os méritos dessa abordagem. Há três conclusões-encaminhamentos que podem ser desenvolvidas a partir desse descompasso.

Em primeiro lugar, deve ser destacada a necessidade de aprimoramento dos princípios de avaliação do *crowdsourcing*. Essa nota metodológica caminha de acordo com uma minoria de estudos que vem apontando para os malefícios de uma literatura que pouco enfatiza os limites e os entraves encontrados nos processos de implementação de projetos de *crowdsourcing* (Graham; Massie; Feuerherm, 2013; Noordegraaf; Bartholomew; Eveleigh, 2014). É importante questionar as limitações e os pontos cegos, mesmo que se admita que, com a

internet, há potencial de participação coletiva. Foi o que fizeram, por exemplo, Roy Rosenzweig e Daniel Cohen (2011) em um capítulo publicado antes mesmo da popularização do termo *crowdsourcing* – um texto que, curiosamente, é majoritariamente deixado de lado pela literatura que tem discutido essa metodologia nos últimos anos. O princípio otimista com que se tem encarado essa prática, por outro lado, pode até mesmo assumir um caráter solucionista (Marino, 2022), alimentando uma tautologia cujos resultados são argumentos que não se baseiam em estudos empíricos, mas na própria aura que o *crowdsourcing* conquistou como “método central” de uma história pública digital (Noiret, 2022a). Os comentários sobre o *crowdsourcing* na pandemia são amostras desse sintoma.

O segundo encaminhamento metodológico que o caso dos arquivos da covid-19 na América Latina indica diz respeito aos princípios de avaliação do *crowdsourcing*. A crescente ênfase no processo, que ganhou força em meio à diferenciação dos usos do método nas humanidades em relação ao mundo dos negócios, deve ser revista, especialmente no caso de arquivos digitais de eventos coletivos sensíveis. Elementos fundamentais para avaliação desses casos, como a representação e a desigualdade, só podem ser aferidos quando analisados os resultados, isto é, os registros coletados. Os esforços acadêmicos devem retomar essa abordagem para melhor avaliarem os reais impactos do *crowdsourcing*, sob o risco de elogiarem processos de engajamento em história pública que, no fundo, reforçam desigualdades e exclusões de agentes marginalizados.

O terceiro ponto de atenção relevante diz respeito à desigualdade global e à forma como se universalizam discursos e argumentos referentes ao desenvolvimento da história digital. Há um movimento crítico relevante acerca dos padrões de desigualdade e da invisibilização veiculados pela retórica de objetividade presente em estudos baseados na construção e no processamento de bases de dados, como expressam as propostas por um “feminismo de dados” (D’Ignazio; Klein, 2020) e por “humanidades digitais queer” (Ruberg; Boyd; Howe, 2018). A defesa do *crowdsourcing*, em tese, caminharia junto a essa crítica, advogando que, como veículo de participação seguindo preceitos da história pública, tratar-se-ia de uma alternativa viável à representatividade dos que são invisibilizados pela datificação da história e das humanidades. No entanto, qualificações genéricas atribuídas ao *crowdsourcing*, como o potencial democratizante e o princípio da autoridade compartilhada, comumente são feitas sem apontar quem são as pessoas empoderadas envolvidas nesses processos (Graham; Massie; Feuerherm, 2013). A universalização desses adjetivos ignora a desigualdade na medida em que deixa de discutir problemas que

o caso da pandemia na América Latina muito bem ilustra, como acesso à internet, proficiência digital, culturas digitais, escolarização e a capacidade de preservação de registros históricos (sem a qual não se pode pragmaticamente entender tais projetos como arquivos históricos). Pode ser que a ausência desses temas na literatura se deva ao fato de que a enorme maioria dos estudos de caso sobre *crowdsourcing* se baseie no chamado Norte Global, pois praticamente não há estudos que testem a viabilidade dessa fórmula de coleta de informações no Sul Global ou mesmo em periferias de países da América do Norte ou da Europa.

Ao mesmo tempo em que se restringe a espaços específicos, entretanto, a literatura não tem hesitado em fazer afirmações universalizantes.<sup>7</sup> É oportuno ressaltar que a relação desses discursos ao estabelecimento de arquivos a partir de centros economicamente desenvolvidos não é inédita. A história dos arquivos modernos se liga à estruturação de nações europeias modernas, imersas no estabelecimento do capitalismo e em uma longa história de colonização (Stoler, 2002). Ariella Azoulay (2019) é incisiva ao apontar que a função dos arquivos modernos compõe essa dinâmica de dominação e desigualdade, em especial, a partir da retórica de neutralidade e isenção. Ainda, ela aponta como a construção de arquivos públicos se valeu de noções como democracia, cidadania e nação para mitigar o fato de que nem todos estavam representados nos arquivos (Azoulay, 2019, p. 175-190). Nesse sentido, a retórica do *crowdsourcing* flerta com a continuidade. Padrões de representação desiguais seguem mais ou menos como sempre foram, mergulhados novamente em uma retórica que se propõe pública e democrática (mas, agora, sob o véu das tecnologias digitais). Em se tratando de arquivos de um evento que foi sentido com especial sensibilidade e intensidade nas periferias, como a pandemia de covid-19, há o risco real de que a agência dessa população desapareça por detrás de um discurso que se construiu ignorando-a.

---

<sup>7</sup> Uma exceção importante é o trabalho de Anita Lucchesi (2020) que, embora enfoque num objeto do Norte Global, atenta-se à contextualização da problemática da desigualdade global.

## Arquivos digitais da pandemia de covid-19

- #Memóriascovid19. Disponível em: <https://memorias-covid19.unicamp.br/>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- (Re)configurações socioculturais em tempos de pandemia. Disponível em: <https://www.fappr.pr.gov.br/>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Archivo covid19 Peru. Disponível em: <https://sisbib.unmsm.edu.pe/archivocovid19peru/>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Archivo Nacional. Disponível em: <https://www.archivonacional.go.cr/index.php/component/content/article/128-noticias/183-el-covid-19-habitara-en-la-memoria?Itemid=437>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Archivo peruano covid19. Disponível em: <https://www.instagram.com/archivocovid19peru/>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Archivo CR COVID-19. Disponível em: <https://www.archivonacional.go.cr/index.php/component/content/article/128-noticias/183-el-covid-19-habitara-en-la-memoria?Itemid=437>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Arquivos da pandemia. Disponível em: <https://arquivosdapandemia.fiocruz.br/>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Às margens da pandemia: relatos de maternidade. Disponível em: <http://relatosdematernidades.com/index.php/historias/>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Coronarchive | Centro de Humanidades Digitais Unicamp. Disponível em: <https://www.chd.ifch.unicamp.br/en/node/9>. Acesso em: 30 maio 2023.
- Coronarchivos. Disponível em: <https://www.coronarchivos.com/bienvenidos>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- COVID-19 en Argentina. Disponível em: <https://www.instagram.com/covid.fotos.federal/?hl=pt-br>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Diários da pandemia, um dia por vez. Disponível em: [museudapessoa.org/exposicoes/diarios-da-pandemia/](http://museudapessoa.org/exposicoes/diarios-da-pandemia/). Acesso em: 19 nov. 2023.
- Diários de quarentena. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL9Ob2c83mLRbp5TKz-buIEUsUVSqFoGNhV>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Documentando las memorias de la pandemia por COVID-19 en Bolivia (2020-2022). Disponível em: <https://archivolapaz.com.bo/interaccion-social/documentando-las-memorias-de-la-pandemia-covid-19-en-bolivia-2020>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Escola em quarentena: um registro antropológico de memórias educacionais. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/614331212485382/>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- How to Document Atrocities in the Gaza War. Disponível em: <https://syriaccountability.org/how-to-document-atrocities-in-the-gaza-war>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- Hurricane Digital Memory Bank. Disponível em: <https://hurricanearchive.org/>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- Japan Disasters Archive. Disponível em: <https://jdar.archive.org/en>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- Memoria COVID-19. Disponível em: <https://biblioteca-digital.uchile.cl>. Acesso em: 7 mar. 2023.
- Our Marathon – A community project hosted at Northeastern University. Disponível em: <https://marathon.library.northeastern.edu/>. Acesso em: 5 fev. 2023.
- Proyecto había una vez una pandemia. Uruguay en tiempos de covid 19. Disponível em: <https://www.mna.gub.uy/innovaportal/v/124258/14/mecweb/proyecto-habia-una-vez-una-pandemia-uruguay-en-tiempos-de-covid-19?parentid=123586>. Acesso em: 11 set. 2023.
- Relatos do cotidiano durante a pandemia. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2261561834146786/>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Saving Ukrainian Cultural Heritage Online (Sucho). Disponível em: <https://www.sucho.org/>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- September 11th digital archive. Disponível em: <https://911digitalarchive.org/index.php>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- Testemunhos do isolamento. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/testemunhos-do-isolamento>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- Ukrainian Archive. Disponível em: <https://ukrainianarchive.org/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

## Referências

- ACKER, A.; FLAMM, L. Covid-19 community archives and the platformization of digital cultural memory. *Hawaii International Conference on System Sciences 2021 (HICSS-54)*, 4 jan. 2021.
- ANDRO, M. *Digital libraries and crowdsourcing*. London, UK, Hoboken, NJ: Iste, Ltd.; John Wiley & Sons, Inc., 2018.
- AZOULAY, A. A. *Potential history: unlearning Imperialism*. London; New York: Verso Books, 2019.
- BAZZO, J.; SCHMIGUEL, K.; SUAREZ, M. Projeto Escola em quarentena: aflições, memórias e devires da educação na pandemia. In: MARINO, I. K.; NICODEMO, T. L. (ed.). *Por uma história da Covid-19: iniciativas de memória da pandemia no Brasil*. Vitória: Editora Milfontes, 2022. p. 89-110.
- BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- BERNSTEIN, S. *Crowdsourcing in Brooklyn*. In: RIDGE, M. (ed.). *Crowdsourcing our cultural heritage*. Burlington: Ashgate, 2014. p. 17-44.
- BRABHAM, D. C. *Crowdsourcing*. Cambridge, Massachusetts; London, England: The MIT Press, 2013.
- CAUSER, T.; TERRAS, M. *Crowdsourcing Bentham: Beyond the Traditional Boundaries of Academic History*. *International Journal of Humanities and Arts Computing*, v. 8, n. 1, p. 46-64, abr. 2014.
- CENTRO de Humanidades Digitais Unicamp – YouTube. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCCrnSTs8NxV6\\_GcLGD1YEig](https://www.youtube.com/channel/UCCrnSTs8NxV6_GcLGD1YEig). Acesso em: 18 jan. 2024.
- CHACHRA, G. et al. Detecting damaged buildings using real-time crowdsourced images and transfer learning. *Scientific Reports*, v. 12, n. 1, p. 8.968, 27 maio 2022.
- COHEN, D. *The future of preserving the past*. Roy Rosenzweig Center for History and New Media, 2005. Disponível em: <https://rrchnm.org/essays/the-future-of-preserving-the-past/>. Acesso em: 2 fev. 2023
- COHEN, D.; SCHEINFELDT, J. *Hacking the academy: new approaches to scholarship and teaching from digital humanities*. Ann Arbor, MI: digital-culturebooks, 2013.
- D'IGNAZIO, Catherine; KLEIN, Lauren F. *Data feminism*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2020. (Strong ideas series).
- DAFIS, L. L.; HIGHERS, L.; JAMES, R. What's Welsh for "Crowdsourcing"? Citizen Science and Community Engagement at the National Library of Wales. In: RIDGE, M. (ed.). *Crowdsourcing our cultural heritage*. Burlington: Ashgate, 2014. p. 139-160.
- DERRIDA, J. *Archive fever: a Freudian impression*. Chicago: University of Chicago Press, 2017.
- DUNN, S.; HEDGES, M. How the crowd can surprise us: humanities crowdsourcing and the creation of knowledge. In: RIDGE, M. (ed.). *Crowdsourcing our cultural heritage*. Burlington: Ashgate, 2014. p. 231-246.
- EASTWOOD, T. Um domínio contestado. A natureza dos arquivos e a orientação da ciência arquivística. In: EASTWOOD, T.; MACNEIL, H. (ed.). *Correntes Atuais do Pensamento Arquivístico*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. p. 19-46.
- ERLL, A. Afterword: memory worlds in times of Corona. *Memory Studies*, v. 13, n. 5, p. 861-874, out. 2020.
- ESTELLÉS-AROLAS, E.; GONZÁLEZ-LADRÓN-DE-GUEVARA, F. Towards an integrated crowdsourcing definition. *Journal of Information Science*, v. 38, n. 2, p. 189-200, abr. 2012.
- FIORI, A. DE; VOLKER, C. História oral sobre a coleta arquivística da Covid-19 no Brasil: as margens da pandemia, 12 fev. 2021. DOI: 10.25824/redu/5UAXER.
- GAJANIGO, P. R.; SOUZA, R. F. DE. Relatos do cotidiano durante a pandemia: diário coletivo em um grupo no Facebook. In: MARINO, I. K.; NICODEMO, T. L. (ed.). *Por uma história da Covid-19: iniciativas de memória da pandemia no Brasil*. Vitória: Editora Milfontes, 2022. p. 69-88.
- GAJANIGO, P.; SOUZA, R. A pandemia e o ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos. *Sociedade e Estado*, v. 36, p. 37-60, 26 maio 2021.
- GÖBEL, B.; CHICOTE, G. B. *Transiciones inciertas: archivos, conocimientos y transformación digital en América Latina*. Buenos Aires: FaHCE, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2017.
- GRAHAM, S.; MASSIE, G.; FEUERHERM, N. The HeritageCrowd Project: A Case Study in Crowdsourcing Public History. In: DOUGHERTY, J.; NAWROTZKI, K. (ed.). *Writing history in*

- the digital age. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2013.
- HEDGES, M.; DUNN, S. *Academic crowdsourcing in the humanities: crowds, communities and co-production*. Cambridge: Elsevier Science, 2017.
- HEPPLER, J. A.; WOLFENSTEIN, G. K. *Crowdsourcing digital public history*. Criss Library Faculty Publications, v. 27, p. 4, 2015.
- HESS, A. In *digital remembrance: vernacular memory and the rhetorical construction of web memorials*. *Media, Culture & Society*, v. 29, n. 5, p. 812-830, set. 2007.
- HEYMANN, L.; BORTOLOTTI, B. Arquivos da pandemia: memórias da comunidade Fiocruz. Possibilidades e desafios de um acervo colaborativo. In: MARINO, I. K.; NICODEMO, T. L. (ed.). *Por uma história da Covid-19: iniciativas de memória da pandemia no Brasil*. Vitória: Editora Milfontes, 2022. p. 29-50.
- HOLLEY, R. Crowdsourcing: How and Why Should Libraries Do It? *D-Lib Magazine*, v. 16, n. 3/4, mar. 2010.
- HOME, I. L.; MONTANO, J. L. M. DE O.; MARTÍNEZ, A. A. H. *Análisis bibliográfico de la conservación de documentos digitales: estado actual y su costo*. Munich: Grin Verlag, 2017.
- HOWE, J. Crowdsourcing: a definition. *Crowdsourcing*, 2006. Disponível em: [https://www.crowdsourcing.com/cs/2006/06/crowdsourcing\\_a.html](https://www.crowdsourcing.com/cs/2006/06/crowdsourcing_a.html). Acesso em: 7 dez. 2022
- INTERNATIONAL Federation of Public History. *Mapping public history projects about Covid 19*. Billet. Disponível em: <https://ifph.hypotheses.org/3276>. Acesso em: 7 mar. 2023.
- JONES, E. W. et al. Remembering is a form of honouring: preserving the Covid-19 archival record. *Facets*, v. 6, p. 545-568, jan. 2021.
- KETELAAR, E. Tacit narratives: the meanings of archives. *Archival Science*, v. 1, n. 2, p. 131-141, 1 jun. 2001.
- KUSHNIR, B.; ALENCAR, A. Não voltaremos a 16 de março de 2020: testemunhos do isolamento e memórias da Covid-19. In: MARINO, I. K.; NICODEMO, T. L. (ed.). *Por uma história da Covid-19: iniciativas de memória da pandemia no Brasil*. Vitória: Editora Milfontes, 2022. p. 247-262.
- LUCCHESI, A. *For a new hermeneutics of practice in digital public history: thinkering with memo-record*. uni.lu. Esch-sur-Alzette: Université du Luxembourg, 2020.
- MALUF, S. W. Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. Tomo, n. 38, 2021.
- MARINO, I. K. Notas preliminares sobre o arquivamento digital da Covid-19. *Ideias*, v. 12, p. e021011, 14 jul. 2021.
- MARINO, I. K. Solucionismo digital? Convite a uma reflexão autocrítica. In: NICODEMO, T. L.; ROTA, A. R.; MARINO, I. K. (ed.). *Caminhos da história digital no Brasil*. Vitória: Editora Milfontes, 2022. p. 53-76.
- MARINO, I. K. et al. Coronachive database. Repositório de Dados de Pesquisa da Unicamp, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://redu.unicamp.br/dataset.xhtml?persistentId=doi:10.25824/redu/TKYHCZ>. Acesso em: 31 mar. 2023
- MARINO, I. K.; NICODEMO, T. L. Covid-19 and digital archives in Latin America. In: MARINO, I. K.; SILVEIRA, P. T. DA; NICODEMO, T. L. (ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- MARINO, I. K.; SILVEIRA, P. T. DA; NICODEMO, T. L. Digital resources: digital informal archives in contemporary Brazil. In: MARINO, I. K.; SILVEIRA, P. T. DA; NICODEMO, T. L. (ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- NOIRET, S. Digital history 2.0. In: GENET, J.-P.; ZORZI, A. (ed.). *Les historiens et l'informatique: un métier à réinventer*. Etudes réunies par Jean-Philippe Genet et Andrea Zorzi. Rome: Ecole Française de Rome, 2011. p. 235-288.
- NOIRET, S. Crowdsourcing and user generated content: the raison d'être of digital public history. In: NOIRET, S.; ZAAGSMA, G.; TEBEAU, M. (ed.). *Handbook digital public history*. Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2022a.
- NOIRET, S. Sharing authority in online collaborative public history practices. In: NOIRET, S.; ZAAGSMA, G.; TEBEAU, M. (ed.). *Handbook digital public history*. Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2022b.
- NOIRET, S.; ZAAGSMA, G.; TEBEAU, M. Introduction. In: NOIRET, S.; ZAAGSMA, G.; TEBEAU, M. (ed.). *Handbook digital public history*. Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2022.
- NOORDEGRAAF, J.; BARTHOLOMEW, A.; EVELEIGH, A. Modeling crowdsourcing for cultural heritage. In: THE ANNUAL CONFERENCE

- OF MUSEUMS AND THE WEB. Baltimore: 2014. Disponível em: <https://dare.uva.nl/search?ar-no.record.id=473849>. Acesso em: 17 nov. 2022
- OLIVEIRA, Y. O impacto do home office no centro do Rio de Janeiro: o uso habitacional como ação dos agentes nos espaços ociosos. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/31540>. Acesso em: 5 fev. 2023.
- OWENS, T. Crowdsourcing cultural heritage: the objectives are upside down. Trevor Owens, 2012. Disponível em: <http://www.trevorowens.org/2012/03/crowdsourcing-cultural-heritage-the-objectives-are-upside-down/>. Acesso em: 17 nov. 2022
- PHILLIPS, L. B. The role of open authority in a collaborative web. In: RIDGE, M. (ed.). *Crowdsourcing our cultural heritage*. Burlington: Ashgate, 2014. p. 247-268.
- PIPER, A. Digital crowdsourcing and public understandings of the past: citizen historians meet Criminal Characters. *History Australia*, v. 17, n. 3, p. 525-541, 2 jul. 2020.
- PONS, A. The Historiographical Foundations of Digital Public History. In: NOIRET, S.; ZAAGSMA, G.; TEBEAU, M. (ed.). *Handbook digital public history*. Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2022.
- PURCELL, A. D. *The digital archives handbook: a guide to creation, management, and preservation*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2019.
- QUISBERT, R. *História oral sobre a coleta arquivística da Covid-19 na América Latina: documentando las memorias de la pandemia por Covid-19 en Bolivia*, 15 nov. 2023.
- RIDGE, M. Citizen history and its discontents. In: INSTITUTE OF HISTORICAL RESEARCH DIGITAL HISTORY SEMINAR. London: London University, 2014.
- RIVARD, C. *Archiving disaster: a comparative study of September 11, 2001 and hurricane Katrina*. Santa Cruz: University of California, 2012.
- ROSENZWEIG, Roy.; COHEN, Daniel. Collecting history online. In: ROSENZWEIG, R. (Ed.). *Clio wired: the future of the past in the digital age*. New York: Columbia University Press, 2011. p. 124-154.
- RUBERG, Boniie; BOYD, Jason; HOWE, James. Toward a Queer Digital Humanities. In: LOSH, Elizabeth M.; WERNIMONT, Jacqueline (org.). *Bodies of information: intersectional feminism and digital humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018. (Debates in the digital humanities).
- SAITO-FAIRBROTHER, N.; SEMOTO, E. *História oral sobre a coleta arquivística da Covid-19 na América Latina: (re)configurações socioculturais em tempos de pandemia*, 23 set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25824/redu/CT4DXU>. Acesso em: 5 fev. 2023.
- SIKARSKIE, A. G. Citizen Scholars: Facebook and the co-creation of knowledge. In: DOUGHERTY, J.; NAWROTZKI, K. (ed.). *Writing history in the digital age*. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2013.
- SOLER, A.; LIMA, V. *A pandemia que ninguém vê*. São Paulo: SP Invisível, 2020.
- STOLER, A. L. Colonial Archives and the Arts of Governance: On the Content in the Form. In: HAMILTON, C. et al. (ed.). *Refiguring the archive*. Dordrecht; Boston; London: Kluwer Academic Publishers, 2002. p. 83-102.
- TERRAS, M. Crowdsourcing in the Digital Humanities. In: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (ed.). *A new companion to digital humanities*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016. p. 420-439.
- VALATSOU, D. Crowdsourcing digital history online. *Historein*, v. 14, n. 2, p. 30, 5 jan. 2014.
- VALENTE, M. G. Introdução. Notas gerais sobre a digitalização de acervos no Brasil. In: FREITAS, B. C. D.; VALENTE, M. G. (ed.). *Memórias digitais: o estado da digitalização de acervos no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017. p. 7-56.
- WINTERS, J. Digital history. In: TAMM, M.; BURKE, P. (ed.). *Debating new approaches to history*. New York; London: Bloomsbury, 2019. p. 277-300.
- ZHANG, J. *Remembered history, archival discourse, and the September 11 digital archive*. 2008.
- ZUMTHURM, T. Crowdsourced Covid-19 collections: a brief overview. *International Public History*, v. 4, n. 1, p. 77-83, 23 ago. 2021.
- ZUMTHURM, T.; KREBS, S. Collecting middle-class memories? The pandemic, technology, and crowdsourced archives. *Technology and Culture*, v. 63, n. 2, p. 483-493, abr. 2022a.
- ZUMTHURM, T.; KREBS, S. Covid-19 digital memory banks: challenges and opportunities for historians of education. *Paedagogica Historica*, v. 58, n. 5, p. 781-801, 3 set. 2022b.

Ian Kisil Marino

*Crowdsourcing*: perspectivas críticas sobre uma prática de arquivamento emergente

---

Recebido em 20/6/2024

Aprovado em 25/11/2024